



Entre o sagrado e o profano: religiosidade e religião nos sertões do Seridó pela ótica de José de Azevêdo Dantas

Ariane de Medeiros Pereira¹

RESUMO

O artigo que ora se tece tem como finalidade discutir o conceito de religião e religiosidade gestado na América portuguesa, bem como, analisar estes dois aspectos empregados na sociedade dos sertões do Seridó, na primeira metade do século XX, sob a visão do autodidata José de Azevêdo Dantas. Para tanto, recorreremos ao Jornal O Raio escrito por José de Azevêdo e a uma revisão bibliográfica que versa sobre a temática religião e religiosidade. Pode perceber que, os atores sociais dos sertões do Seridó estão inseridos tanto na lógica da religiosidade quanto no aspecto religioso. Dessa maneira, averigua que sua religião extrapola o caráter puramente sagrado e adentra ao espaço do profano, no qual existe o imbricamento da religiosidade.

Palavras-chave: Religiosidade. Religião. Sertões do Seridó. José de Azevêdo Dantas. Sagrado e Profano.

Between the sacred and the profane: religiosity and religion in the backlands of Seridó from the perspective of José de Azevêdo Dantas

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the concept of religion and religiosity in Portuguese America, as well as to analyze these two aspects used in the society of the sertões of Seridó, in the first half of the 20th century, under the view of the scholar José de Azevêdo Dantas. To this end, we will use the newspaper O Raio written by José de Azevêdo and a bibliographic review that deals with the theme of religion and religiosity. We can see that the social actors in the sertões of Seridó are inserted both in the logic of religiosity and in the religious aspect. In this way, we can verify that his religion goes beyond the purely sacred character and enters the space of the profane, in which there is an overlap of religiosity.

Keywords: Religiosity. Religion. Sertões do Seridó. José de Azevêdo Dantas. Sacred and Profane.

¹ Licenciada e Bacharel pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CERES. Especialista em História dos Sertões – UFRN/CERES. Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/CCHLA. CV: <http://lattes.cnpq.br/9605340405648462>. E-mail: ariane1988medeiros@hotmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Com a chegada dos europeus a América e seu processo de colonização, passamos a perceber que não somente dizia respeito à questão de cunho econômico, político e cultural. Mas, devemos inserir a colonização europeia na América no contexto da expansão religiosa, no sentido da propagação da fé católica pelo Novo Mundo. Não obstante, vale ressaltar, que a religião católica havia sentido seu abalo ainda no período medieval com a posição da reforma protestante e com o poder da Igreja Anglicana. De modo que, o Novo Mundo se colocava como uma oportunidade para arregimentar novos fiéis a religião Católica.

Para os donatários, como eram chamados os particulares europeus que vinham para a América em busca de riquezas, a primeira questão que se impunha era que aqueles deviam professar a fé católica, do contrário, os "aventureiros" não podiam desejar habitar o Novo Mundo. Em terras da América os colonizadores empregaram sua visão eurocêntrica em volta dos nativos que aqui estavam e os batizavam segundo a fé católica, não respeitando suas crenças e modos de ver o mundo. Os colonizadores utilizavam da justificativa de salvar a alma daqueles que até eram percebidos como animais, somente restava o batismo e introduzi-los a cristandade.

Ao aportar em terras do Brasil os colonizadores não mediram esforços em disseminar o elemento religioso as novas terras, celebrando uma missa, e dando a aquele ritual uma característica mítica e religiosa, na qual a ação do descobrimento teria sido uma obra de Deus para que os europeus pudessem salvar as almas perdidas daqueles seres (COSTA, 2012). Torna-se notória a intenção dos portugueses em expandir as concepções religiosas entre os povos nativos, tidos desde aquele momento, como súditos da Coroa Portuguesa na qual os lusitanos viam os indígenas como inferiores e empregaria uma relação de desigualdade de dependência (GUIUCCI, 1992, p.47). Os nativos precisavam conhecer a Deus e os fundamentos do catolicismo.

Cabia aos portugueses a ação imediata de resgatar aquelas almas perdidas para o patrimônio divino. Não demorou a se instalar nas novas terras, eclesiásticos que viriam com o intuito de conduzir os indígenas à religião católica (SOUZA, 1986, p.35). Torna-se evidente que o processo de colonização das terras do Brasil andou de mãos dadas com o processo de catequização dos índios, no qual, e em um primeiro momento, os jesuítas estavam a serviço da Coroa portuguesa, e se manteve ao longo do tempo na busca pela propagação e disseminação na América portuguesa dos princípios religiosos católicos. O resgate das almas dos nativos aconteceria por meio do catecismo empregado pelas intervenções promovidas

pelos jesuítas. É evidente que havia uma aliança entre a Igreja e a Coroa para o processo de colonização do Brasil.

A constituição múltipla de atores sociais - índios, brancos e negros - que passaram a compor o Brasil colonial foram diversas e as práticas religiosas, também, constituíram-se em uma diversidade extremada. Mesmo os colonizadores portugueses disseminando os ritos católicos, os índios e os negros souberam fazer um hibridismo cultural entre os elementos de suas crenças e da religião católica (SOUZA, 1986, p. 91). Todavia, mesmo dentro dessa perspectiva de um hibridismo religioso gestado na América portuguesa, podemos pensar na religiosidade com um elemento de organização ao mundo do trabalho que visava, justamente, a lucratividade do colonizador nas terras do Brasil.

Dentro da perspectiva do processo colonizador na América podemos auferir que o conceito de religião que aqueles colonizadores empregaram estava ligado ao modo como a religião havia sido conduzida pelo período antigo, na qual estava voltada para a busca de Deus pelo homem. Nesse sentido, os europeus usavam da religião para submeter o indivíduo ao Divino e ao amor entre o homem e Deus. Desta maneira, cabia ao colonizador explorar os indivíduos a sua maneira e a seus objetivos, desde que os nativos e, posteriormente, os africanos, estivessem ligados a fé católica e pudessem conhecer a palavra e os ensinamentos de Deus. Podemos perceber claramente que a Igreja e o Estado se confundiam em suas práticas para que os europeus atingissem os objetivos da colonização.

A religião, nesse contexto, servia como uma instituição disciplinadora dos corpos que agia por meio das concepções psicológicas², na qual fazia com que os submetidos aos dogmas católicos tivessem a ideia que seu trabalho e esforço serviam para que suas almas estivessem salvas dos elementos sobrenaturais que viessem a colocá-los distantes da figura do divino. A religião católica disseminava o pensamento de que seus valores estavam calcados na tradição, na conformidade, na benevolência e na segurança. Dessa maneira, apenas queria salvar aquelas almas que não conheciam a Deus e seus valores (SCHWARTZ e HUISMANS, 1995). Neste cenário, o trabalho surge como um elemento dinamizador da relação entre colonizador e submetido, no qual o europeu usava da força do subjugado para seus interesses econômicos, todavia, por outro lado, os inferiorizados recebiam a graça de Deus.

² Nem sempre é preciso agir com força e violência para aprisionar a mentalidade dos indivíduos. Sobre estas questões ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de: Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.



Fato é que, guardada as suas particularidades a religiosidade passou a fazer parte dos atores sociais do América portuguesa e a religião católica se tornou oficial nas terras do Brasil. Vale ressaltar que, mesmo existindo uma mescla entre as crenças, os misticismos e os preceitos católicos, a religião reconhecida era a Católica com seus fundamentos e mandamentos. Assim, é necessário determinar o que seria a religião e a religiosidade de um povo, tendo em vista que são conceitos construídos historicamente e entendidos de forma diferenciados pelos estudiosos³.

Partimos do entendimento que religiosidade e religião são conceitos distintos, mas que possuem uma linha tênue muito próxima, considerando que, a religiosidade seria algo mais abrangente, que diz respeito à relação pessoal que cada indivíduo mantém com Deus. Todavia, esta religiosidade está vinculada a religião compreendida enquanto um conjunto de ritos que são praticadas por um sujeito. Para Panzini et al (2007) a religião é um conjunto de crença na qual o homem acredita no poder sobrenatural, criador e controlador do Universo, dando ao homem a possibilidade de existir após a morte. Já a religiosidade se inseri no conjunto de práticas e crenças que o ser humano pratica a partir de sua religião. Neste caso, ambas, religião e religiosidade tem um papel fundamental na vida individual de cada homem e como este passa a gestar o mundo.

Para Dalgalarondo (2008) a religiosidade não é estática ela muda conforme o tempo, as pessoas e as ocasiões. Assim, também, as pessoas assumem novas práticas religiosas e posicionamentos frente às mudanças em sua religiosidade. Ainda conforme, Dalgalarondo (2008), as crianças, adolescentes, adultos e idosos aprendem, praticam e vivenciam a religião de forma de diferenciada mesmo que usufruindo de dadas crenças e ritos religiosos. Na adolescência, o jovem assumiria uma posição radial, fosse por assumir um papel de ateísmo, ou mesmo, por um misticismo fervoroso. Entretanto, na fase da velhice, os idosos utilizam da religião como meio para superar ou lidar com as dificuldades⁴. Dessa maneira, percebemos que a religiosidade e a religião estão desde muito cedo na mentalidade do homem da América portuguesa, bem antes da chegada dos europeus, e com uma nova significância após a chegada dos colonizadores.

³ Para maior entendimento sobre os conceitos de religião e religiosidade por diversos estudiosos, ver: SILVA, Rogério Rodrigues da; SIQUEIRA, Deis. **Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional**. In: Revista Scielo: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 3, p. 557-564, jul./set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v14n3/v14n3a17.pdf>. Acesso em: 20. Dez. 2020.

⁴ Para uma discussão mais efetiva sobre com a religião e a religiosidade age na vida das pessoas, em dadas fase da vida, ver: CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Julio. **Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos**. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>. Acesso em: 20. Dez. 2020.



Neste sentido é que, nos propomos a discutir o conceito de religião e religiosidade empregados pelos sujeitos sociais que fazem parte dos sertões do Seridó, na primeira metade do século XX, sendo que estes dois conceitos serão analisados sob a ótica do autodidata e homem do sertão José de Azevedo Dantas. Entendemos que, a religiosidade e a religião ganham novas percepções diante de dados grupos sociais, como também, se modifica, ou não, dado ao seu recorte temporal.

Ao enveredarmos pelo pensamento de Fornazari e Ferreira (2010) compreendemos que a religiosidade abarca uma concepção calcada na convicção de que existe uma dimensão maior, na qual o indivíduo se reveste de mais tranquilidade e fé para conduzir os eventos de difíceis da vida, tais como: a morte, o estresse e a ansiedade. Assim, a religiosidade e a religião caminham juntas no sentido do sujeito social praticá-las conforme suas experiências de vida. Para Fornazari e Ferreira (2010) a religião está vinculada a ideia das técnicas sentidas no cotidiano que, não rara às vezes, se torna transcendental. Sendo, a religião compostas por ritos e crenças, as quais, os seres humanos buscam a salvação ou o melhoramento espiritual e social.

Como bem coloca Oliveira e Junges (2012) pensar sobre o conceito de religião é averiguar que este parte de uma forma de vivência religiosa que está imbricada por cerimônias e ritos institucionalizados e doutrinários, no qual as pessoas as experienciam em um espaço de socialização e de forma hierarquizada. A religião passa a ser desenvolvida em meio a celebrações, templos e um sistema de ofício (SIMÃO, 2010), na qual aquela age na mentalidade dos indivíduos e pode causar benefícios ou malefícios segundo as concepções adotadas em suas particularidades. Todavia, a religiosidade assumida pelos atores sociais possui um caráter mais amplo, no sentido que, possibilita a experiência da felicidade para aqueles que creem nas recompensas divinas⁵.

A religião nos remete a dois espaços sociais importantes: o sagrado e o profano para que possamos compreender como a religião e a religiosidade são empregadas em um dado espaço/temporal. Nesse sentido, nos propomos a discutir como José de Azêvedo Dantas percebia o espaço da religiosidade e da religião nos sertões do Seridó⁶, na primeira metade do século XX. Entendendo que, Azêvedo Dantas era um homem simples dos sertões, da dita

⁵ Para uma discussão mais ampla sobre as possibilidades da religião e religiosidade para os indivíduos, ver: GOMES, Nilvete Soares; FARINA, Marianne; FORNO, Cristiano Dal; **Espiritualidade, Religiosidade e Religião: Reflexão de Conceitos em Artigos Psicológicos**. In: Revista de Psicologia da IMED, 6(2): 107-112, 2014.

⁶ Atualmente e segundo a classificação do IBGE, a região do Seridó está localizada na Mesorregião Central Potiguar e se subdivide em Microrregião do Seridó Ocidental e Oriental (IDEMA 2010).



espacialidade e recorte temporal, e que escrevia sobre suas vivências e os costumes daqueles sertões distantes do litoral⁷.

2 OS SERTÕES DO SERIDÓ POTIGUAR E A RELIGIOSIDADE: ESPAÇOS SAGRADOS

Os sertões têm sido pensado e estudado, ao longo do tempo, por diversos estudiosos⁸ que se dedicam a perceber desde a formação, as práticas sociais, culturais, econômicas e políticas que foram agenciadas em dadas espacialidade. No nosso caso, percorreremos os aspectos da religiosidade e da religião que foram gestadas nos sertões do Seridó Potiguar, particularmente na região do Seridó, pela ótica de José de Azêvedo Dantas e como aquele percebia estes dois elementos culturais no dito espaço. Enveredamos pelas representações simbólicas que constituem ou constituíram os valores identitários daquela sociedade, o início do século XX, como também, as simbologias inerentes aquela comunidade.

Ao analisar o Jornal o Raio escrito pelo autodidata José de Azêvedo Dantas, Jornal este que o autor fazia circular entre seus amigos e parentes dos sertões do Seridó, passamos a perceber que a teia de relações que se estabeleciam entre as pessoas que moravam naquela localidade. Extrapolando para o próprio cotidiano com seus anseios, aflições, ritos de vivências, sua relação com a natureza e com os demais agentes sociais. Era vinte e quatro de janeiro de mil novecentos e dezenove quando, José de Azêvedo Dantas noticiava o que intitulou de “O cynismo do tempo” para fazer alusão a uma provável chuva que se aproximava dos sertões do Seridó com a mudança na atmosfera e promovendo novos olhares dos sertanejos e como aqueles enfrentaria as prováveis dificuldades trazidas com o volume de água. Azêvedo Dantas nos coloca:

[...] A chuva cahia a cantaros, acompanhada de forte saraiva que muito concorria para aumentar a impetuosa corrente elétrica! Precipitado furacão desencadeava-se por entre a densidade do temporal, arracando umas e

⁷ Para uma discussão mais consistente sobre José de Azêvedo Dantas, ver: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **José de Azevêdo Dantas: lembrando os 70 anos do início das pesquisas do primeiro arqueólogo do Seridó Potiguar em Carnaúba dos Dantas.** In: Mneme: Revista de Humanidades. V. 06. N. 13, dez.2004/jan.2005. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme. Acesso em: 20 de dez. 2020.

⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** Recife: Editora Massangana, 2009. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Distante e/ou do instante: "sertões contemporâneos", as antinomias de um enunciado.** In: FREIRE, Albeto (Org). **Culturas dos Sertões.** Salvador: EDUFBA, 2014. AMADO, Janaina. **Região, sertão e nação.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995. LAMARTINE, Oswaldo. **Sertões do Seridó.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980. AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. **Entre a cultura e a política: uma Geografia dos "currais" no sertão do Seridó Potiguar.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto e Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. 2007.



retorcendo outras, velhas árvores seculares, enquanto ia derribando cercas e descobrindo telhados. Em plena tarde (4 horas aproximadamente) [sic] o tempo tinha a cor do anoitecer!..Por toda parte se apoderava o terror!..Os vizinhos metidos em suas casas com portas e chancelas [sic] fechadas resavam e pediam a Deus que aplacasse a fúria dos elementos! Velhas e mães de famílias se prostavam diante do oratório, dando ordem ao filho que por uma fresta da janela queimasse palha benta. Lá fora recrudescia a tempestade e o aguaceiro e quem ousasse olhar por uma fisga de porta teria de ver o céu inmutado de fogo! O rimbombal da trovoada se confundia com o ruído da chuva e o rumor da ventania, e assim sob a implacável fúria dos elementos, passaram-se algumas horas de verdadeiro pânico!... (DANTAS, José de Azêvedo. O cynismo do tempo. Jornal O Raio. 1919. p. 5).

O cenário que José de Azêvedo Dantas elenca é um repertório que perpassa por sua escrita poética e sua visão sertaneja de mundo. A chuva é colocada em um ambiente forte e resistente e que com ela trazia outros elementos como as descargas elétricas dos relâmpagos. A intensidade da chuva passava a remodelar não somente o espaço físico da natureza com suas árvores sendo retorcidas pelo vento, mas aquelas mais antigas caindo. A paisagem do medo⁹ que se instalava ganhava o ambiente social dos sertanejos com a derrubada das cercas e o descobrimento dos telhados das casas. O pavor entre os sertanejos se instalou, ao que parece, e pela escrita de Azêvedo Dantas, era um medo coletivo, assim, como averiguamos novos elementos foram sendo colocados na cultura e na simbologia do homem do sertão.

Ao sentir-se ameaçado pelo poder supremo do sobrenatural os indivíduos dos sertões recorrem a sua religiosidade como forma de acalmar a fúria implacável que se instalavam contra o agente social e a próprio natural. Como bem aborda Fornazari e Ferreira (2010) a religiosidade se fazia presente nos sertões quando: "Velhas e mães de famílias se prostavam diante do oratório, dando ordem ao filho que por uma fresta da janela queimasse palha benta" (DANTAS, José de Azêvedo. O cynismo do tempo. Jornal O Raio. 1919. p.5) as matriarcas se prostavam de joelhos em frente a seus oratórios para pedir socorro a Deus naquela hora difícil e de medo. Além do mais, sua religiosidade extrapolava para os elementos do sagrado quando considera que a "palha benta" podia acabar com o furacão que rodava em torno das terras sertanejas. Podemos perceber claramente que, quando o homem do sertão se viu ameaçado pela fúria do vento, da chuva e dos trovões recorreu a sua religiosidade e religião como formas de amenizar o seu medo e angústia. A religiosidade emergia como o elemento de fé e esperança. Já a religião com seus ritos e a cultura material tornava-se a certeza que o ambiente de pânico ia se desfazer e a vida seria preservada.

⁹ Aqui fazemos referência a obra do estudioso Yi-Fu Tuan em sua obra "Paisagens do medo". Ver: TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Ed: Brochura, 2006.



Podemos perceber que, por meio do fragmento jornalístico, a cultura do homem do sertão se torna múltipla e diversa demonstrando as mais variadas formas simbólicas de apropriação. Ao passo, que aquele homem recorre à força divina para diminuir os malefícios que enfrentava pelas consequências da chuva, utilizava de ritos místicos para aplacar a ferocidade do vento e da água. Por isso, é importante discutir e abordar as contextualizações sociais de cada período com suas mentalidade e estratégias gestadas no meio no qual o homem vive. Daí a importância de se historicizar os eventos culturais e simbólicos para se compreender como se forma, se modifica e se engendra a cultura de uma sociedade (AZEVEDO, 2007). Assim é notório que, as práticas, os valores e os símbolos da cultura dos sertões do Seridó são experiências seculares que vem sendo transmitida por gerações. O ato da mãe chamar o filho para pegar a "palha benta" já nos diz muito sobre essas tradições que serão perpetuadas para a posterioridade. O filho presenciava e acreditava naquele rito efetivado por sua mãe.

Ao nos enveredarmos pela religiosidade e a religião empregada nos sertões do Seridó verificamos que existe uma linha bastante próxima de suas celebrações com o próprio modo de vida e organização das pessoas daquela localidade. Com bem aborda Ribeiro (2006) a população dos sertões apresenta uma subcultura própria, que não raras às vezes, está intimamente ligada ao modo de vida, a organização familiar, a estrutura de poder, as vestimentas, os folguedos, entre outras a religiosidade. Podemos perceber esse cenário em outro fragmento do Jornal O Raio, do ano de mil novecentos e dezenove que versava sobre a organização da festa de São José na cidade de Acari/RN, vejamos o que nos reporta José de Azêvedo Dantas:

Festa de S. José

Transcorreu no dia 19 do mez findo a festividade em honra ao glorioso S. José, nesta florescente povoação.

A festinha, foi procedida de novena à vespera, havendo missa solene as 10 horas da manhã. As solenidades, não obstante os fracos recursos disponíveis, revestiu-se de um não esperado brilhantismo. Logo na vespira pela manhã começou a chegar ao arraial da povoação [ilegível] e grupos de famílias e [ilegível] que da vizinha cidade [corroído + ou – 12 linha] partido bem cedo. [corroído + ou – 12 linha] porção que [ilegível] de densa nossa do povileo que desciam dos sítios e vizinhanças mais afastada. À noite, após a novena, queimaram-se diversas peças de fogos artificiaes e depois quando a lua magestosa subia no horizonte, todo o largo da ruasinha se encheu de transeantes [?] que n'um redemoinho crescente se moviam para todos os lados. Um animado baile formado pelo que houve de mais selecto acabou de dar o realce à noite de S. José.

[...]

Para a occasião da missa a igreja foi insufficiente para comportar a grande massa de fieis que de todos os arredores tinham vindo assistir as solenidades ao invicto padroeiro!



As 4 horas da tarde saíu a procissão, notando-se grande acompanhamento: que [ilegível] hora estava [ilegível] andar. A brilhanta-se a festa a philarmonica Acaryense dirigida pelo hábil muzicista Pedro Lucio. Foi celebrante dos actos religioso: o digno Paracho Jozino Gomez, Vigario desta freguesia, que muito trabalhou pelo brilhantismo da festa (DANTAS, José de Azêvedo. Festa de S. José. Jornal O Raio. 1919. p.s/n).

Tendo em vista que a matéria do Jornal data de primeiro de abril do ano de mil novecentos e dezenove, podemos compreender que a festividade a São José ocorreu no mês de março, no dia dezenove, no citado ano, dessa maneira, temos a capacidade de perceber que os atores sociais dos sertões tinham uma devoção extremada pelo santo São José, considerando que, começavam suas celebrações um dia antes do dia da festa oficial. No dia anterior havia existido uma novena em homenagem ao santo, como se fosse uma preparação para o dia da grande solenidade que era festa. Mesmo dispondo de pouco capital a celebração não deixou seu brilhantismo de lado. Torna-se notória que era uma cerimônia que arregimentava diversas famílias da localidade, porém, vinham famílias de outras partes dos sertões do Seridó para prestigiar aquele evento. É evidente que além dos aspectos religiosos havia outros elementos que deixavam a celebração a São José mais reluzente, tais como: a queima de fogos e o baile após a novena. Sendo um momento entre o sagrado e o profano que se tornavam bastante próximos.

Mesmo existindo a relação entre ritos religiosos e festas profanas, devemos abordar que o credo religioso se tornava um ponto alto da celebração, passando por todos os ritos da religião católica nos sertões do Seridó. A comemoração acontecia com a presença do vigário da freguesia e a massa de fiéis da cidade de Acari, como também, de outras localidades no espaço sagrado da Igreja. A dimensão da população e da fé foram tamanhas que não coube toda a população no interior da Igreja, todavia os fiéis se colocaram ao redor daquela instituição sagrada para manter viva sua religião e devoção.

Averiguamos que é notório os esforços da população para que a festa de São José seja gloriosa e participativa. Isso demonstra uma cultura marcada pelos valores associados ao credo católico e suas significâncias para os homens dos sertões do Seridó. Não é de se estranhar que a devoção a São José advinha da mentalidade que aquele é o santo protetor das chuvas e da boa colheita, assim, pensar em um homem dos sertões que sofre com a falta de chuva e percebe, justamente, na religiosidade e na religião a São José o meio diminuir o seu sofrimento por falta de chuvas. São José seria aquela imagem de intercessor do sertanejo que necessitava ter seus infortúnios aliviados (AZEVEDO, 2007. p. 76).



Diante desse panorama podemos mensurar que existe um catolicismo popular atrelado ao homem dos sertões do Seridó, haja vista que, ele recorre a religiosidade e a religião revestida nas preces aos santos e nas cerimônias religiosas para diminuir seus sofrimentos. Todavia, como bem salienta Araújo (2006) o catolicismo sertanejo está vinculado a tradição ibérica, acrescida dos arranjos afro-ameríndios, dessa maneira, e daí a explicação para o entendimento de nos sertões do Seridó existir tantas lendas de encantamentos, histórias de milagres, aparições de santos e outras manifestações do sobrenatural. Não rara às vezes, e dada à localidade, esta foi transformada em santuário de peregrinações e romarias dado aos milagres alcançados solicitados aos santos (ARAÚJO, 200. p. 146). Essas crenças e práticas permeavam não somente a vivência e o imaginário das pessoas simples dos sertões do Seridó, mas também das famílias tradicionais da dita espacialidade. Podemos perceber algumas das famílias abastadas dos sertões do Seridó que fizeram parte da procissão e festa de São José como nos apresenta José de Azêvedo Dantas:

Estiveram aqui por ocasião da festa diversos cavalheiros da alta sociedade Acaryense, destacando-se dentre muitos, Cel Silvino Bezerra, Major Joaquim Theotônio, Capm Thomaz Irineu, Majores Salyro Bezerra e Pedro Azevedo, Sargento Themistocles Barros, Joel Oliveira e mais muitos que seria enfadonho mencionar. De Parelhas estiveram também aqui nos mesmos dias, o Capm Joaquim dos Santos, Jovens Thomaz Alberto, Arthu Aprigio, Arnaldo Bezerras e mais diversos que ornaram a elite social daquela localidade. Diversos cavalheiros de Picuhy compareceram também a nossa festinha. Ocorreu tudo na maior calma e ordem, não havendo caso de ordem anormal a se registrar, nem mesmo no povo de baixa condição, que sempre de costume gostam de fazer arrelia nos dias de ajuntamento. Satisfação em todos foi o que se notou (DANTAS, José de Azêvedo. Festa de S. José. Jornal O Raio. 1919. p.s/n).

Pelo o exceto jornalístico é evidente que não somente as famílias nobres de Acari participavam das celebrações em honra a São José, mas famílias do Estado da Paraíba vinham participar dos festejos, como também, de cidades próximas, como era o caso de Parelhas/RN. Vale ressaltar, os aspectos que José de Azêvedo Dantas elenca tais como: a calma e a ordem, mesmo para “o povo de baixa condição”, estes não quebravam com a ordem e o respeito dentro das festividades, provavelmente por respeito ao poder que o santo emanava. Parece-me, segundo o que coloca Azêvedo Dantas, que as pessoas que não possuía um status social elevado dentro da sociedade dos sertões em dias de reuniões e comemorações extrapolavam os limites promovendo algazaras. Todavia, quando as celebrações se destinavam aos santos tudo transcorria na mais perfeita diplomacia.

As festividades religiosas empreendidas nos sertões do Seridó podem ser pensadas segundo a lógica do espaço sagrado aquele destinado a religiosidade e a religião, mais vai



além, e extrapola para o espaço do profano no qual as pessoas vivem as celebrações por meio de encontros, danças, músicas, entre outros, namoros. Assim, ponderamos que as celebrações religiosas conseguem reunir diversas famílias com o intuito de celebrar os santos e seus significados, como também, participar dos atos sociais que se desvinculam das festividades religiosas e assumem um caráter de lazer e entretenimento para os homens sertanejos. Parece não existir uma linha de divisão clara entre o sagrado e o profano nas celebrações religiosas destinadas aos santos nos sertões do Seridó.

3 PARA ALÉM DO SAGRADO: O PROFANO NAS CERIMÔNIAS RELIGIOSAS

Refletir sobre os espaços do sagrado e do profano nos leva, muitas vezes, a imaginarmos que estamos a discutir um meio contraditório, considerando que o primeiro, pode ser compreendido como um cotidiano não utilitário em que as pessoas praticam sua fé, sua religiosidade, sua religião de forma perene e eficaz¹⁰. Já o profano é o meio pelo qual o indivíduo faz valer suas emoções, suas fraquezas da carne e do mundo real. Nessa ótica, a instalação do sagrado está em sintonia com a religiosidade que integra o homem a natureza e o coloca em oposição as suas misérias humanas - danças, dores, festas - que estariam vinculadas ao meio profano.

Ao seguir o pensamento de Durkheim (2008) entendemos que essa vida dissociada entre o sagrado e o profano está direcionada aos homens que assume a vida religiosa e os preceitos de uma religião. Para que o homem religioso esteja em contato e em permanência com estados supraterrrestres é necessário que, aquele viva em espaços sacralizados e organizados como: os templos e os santuários, nos quais são reservados as coisas sagradas e servem de moradas ao sujeito religioso (DURKHEIM, 2008. p. 373). Todavia, para o homem não religioso o sagrado e o profano pode coexistirem sem atritos e conflitos.

Ao colocarmos o sagrado e o profano como espaços sociais percebemos que eles perdem propriedade das coisas e ganham novas significações, a partir, das atitudes e significações que os homens conferem as estas duas esferas. Quando mensuramos a religiosidade e a religião empregadas nos sertões do Seridó, averiguamos que os homens daquela espacialidade entendem o sagrado e o profano não como oposição, mas como meios de continuidade. Continuava o ano de 1919 e José de Azêvedo Dantas vincula mais uma notícia em seu Jornal O Raio desta vez chamada de “Nota a Lapis” o redator nos informa

¹⁰ Para uma efetiva discussão sobre a oposição entre sagrado e profano, ver: ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



sobre mais uma comemoração ao glorioso São José e a forma como os homens dos sertões enxergam a religiosidade e a religião naquele espaço. Assim ele nos coloca:

Esse mesmo povo crente e observador fiel da nossa religião, com o coração livre dos apodros mundanos, ocorreu para dar o maior brilhantismo e realce a essa festa em honra ao glorioso São José, patrono da capella dessa povoação. E assim cultivando o mesmo sentimento de nobreza a "fé christã", não quizer deixar de commemorar o dia consagrado á S. José, dia esse em que o mundo catholico rende-lhe fervorosamente o seu culto com preces, hymnos e louvores. Mereceu a mais sincera admiração o realce que se assistiu em todos os actós da Egreja, nada deixando a desejar ao mais exigente assistente (DANTAS, José de Azêvedo. Nota a Lapis. Jornal O Raio. 1919. p.s/n).

É inegável a crença e a religião que os sertanejos despontam pelas práticas sagradas e ensinadas pela Igreja Católica para com os santos, em especial a São José. O ritual que se depreende da matéria jornalística é clara que os indivíduos sociais seguiam todos os ritos destinados pela Santa Igreja, desde hinos a louvores ofertados ao santo da devoção, tudo feito com muito esmero e em uma área sobrenatural de respeito, adoração e fé. Neste caso, o homem sente-se ligado as coisas sagradas por um sentimento de reverência e respeito, sentindo-se inferior as celebrações e ritos sagrados (ALVES, 1984. p. 61). Todavia, as significações entre o sagrado e o profano são vistas de formas distintas e não excludentes. Na mesma notícia do Jornal O Raio, José de Azêvedo Dantas nos coloca como os sertanejos se punham após o ato religioso,

Uma multidão compacta, feliz e alegre, enchia as poucas ruas desse povoado, parecendo reviver em suas almas a ancia da fraternidade que despósa, a igualdade. Alli sorria a gentil senhorita correspondendo á cortezia que lhe fazia o jovem namorado, __ muito embora, outros sonhos dourados se lhe aguardassem o futuro. Acolá, no meio de gargalhadas e prazeres, abraçavam-se as famílias saudozas e auzentes. Mais adiante, onde se diz desça o copo e corra o vinho, manifestavam-se os amigos na mais significativa camaradagem. E finalmente, tudo ria, menos o tempo que, sendo ingrato, vai passando sem deixar um signal de promissão (DANTAS, José de Azêvedo. Nota a Lapis. Jornal O Raio. 1919. p.s/n).

É notória a nova configuração social que se criava com a presença festiva das comemorações a São José, as ruas do povoado que em dias corriqueiros geralmente estavam vazia, passavam aglomerar uma grande massa de pessoas que saíam do espírito puramente sagrado da religiosidade, e ganhava um novo aspecto do profano com suas confraternizações, brincadeiras, sentimento de pertença de um povo a um lugar. Ademais, podemos verificar que era o momento em que as moças e os rapazes tinham a oportunidade de flertar um com outro, de retribuir olhares e cortesias ofertadas entre si. As famílias se dedicavam ao prazer dos reencontros, do abraço afetivo para com as pessoas ausentes. Tudo convergia para a alegria e



a festa profana, na qual os rapazes bebiam seu vinho, se divertia e não se preocupavam com o tempo que começava a caminhar para o final daquela bonança, na qual se misturava o espaço do sagrado com o espaço do profano.

Como bem coloca Oliveira (2012) o sagrado e o profano ganha novas conotações, a partir, dos significados e significações que homens os inferem. O sagrado e o profano caminham em conjunto, ao passo que, os homens atribuem e decodificam novos valores as estas duas percepções. Neste caso, a religiosidade e os ritos da religião se mesclam com a festa social, tendo em vista que, o sagrado e o profano são experiências que se permitem à re-localização, o trânsito e a circulação de ideias e práticas, considerando que são elaboradas pelos homens. Neste caso, o homem surge como o elemento articulador entre estes dois campos, de modo, a instituir uma continuidade destas duas modalidades. Isso é evidente pela matéria escrita por José de Azêvedo Dantas, o homem dos sertões se reveste de uma religiosidade e religião na procissão e celebrações católicas ao santo São José, mas posteriormente, a estes ritos, ganham o espaço do profano se confraternizando com amigos e familiares por meio do convívio social, da cortesia e da amistosidade.

É improvável que o sagrado conseguisse manter o homem a margem dos ritos sociais profanos, considerando que no cotidiano vivido por estes agentes, eles festejam, dançam, amam e são corteses uns com os outros. José de Azêvedo Dantas ainda em seu Jornal nos permite pistas valiosas sobre o cotidiano desses homens dos sertões passados as festividades de São José entre a interação do espaço sagrado com o espaço profano. Azêvedo Dantas nos evidencia em sua matéria intitulada “Echos”:

Realizou-se a festinha de S. José em nossa povoação e dizer ella o que foi não carece de commentarios - boasinha e simples com muita concurrencia de povo. Muito rapaz social e poucas senhoritas, relativamente, como tambem fraca densidade em namoros!...Salvo pequenas cavações dos Coiós acaryenses com deidades que mais brilhavam, ou ligeiras conquistas de alguns janotas parelhenses com divindades que... E de Picuhy tambem é bom fallar - aventureiros exibistas... e algumas demoiselles que tendo namorados, em penca por cá vieram engrossar o numero!... E os da terra? Associados da irmandade de Cupido, que ficaram por tras dos bastidores!... Até mesmo as santinhas da zona, para elles, nesse dia, não obraram milagres!...E depois do caso passado (festa acabada) [sic] o que resta de tudo isso? Nada, absolutamente; até mesmo os commentarios passaram desapercibidamente. Voltou a vida da povoação ao seu regimen rude e monotono, nada restando do socialismo daquelle dia - o dezenove de Março (DANTAS, José de Azêvedo. Echos. Jornal O Raio. 1919. p.s/n).

José de Azêvedo Dantas nos aproxima das consequências que os atos religiosos, em homenagem ao santo São José, deixava em seu povoado quando passava as celebrações e ritos da religiosidade Ibérica, e os jovens se dedicavam ao espaço do profano, no qual



aproveitavam para namorar, cortejar as garotas e até aquelas consideradas "santinhas" se entregam as emoções do amor. Entretanto, passado as celebrações, no povoado era restabelecido o cotidiano e ninguém mencionava mais os festejos profanos, tudo ficava esquecido e não dito. Até que, no próximo ano, os ritos sagrados e profanos voltassem animar aquela pacata sociedade. Nesse sentido, podemos mensurar que nos sertões do Seridó, no tocante a religiosidade e a religião, existem muito de manifestações da cultura popular, na qual os sertanejos praticavam seus ritos religiosos entre o sagrado e o profano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos verificar que a chegada dos europeus a América trouxe novas significações para o Novo Mundo. O cotidiano nativo foi desorganizado e passou a ser pensado pelos colonizadores com suas ações "civilizatórias" e com vistas aos costumes e tradições europeias. Dentro dessa perspectiva, o contexto da religiosidade e da religião católica ganha destaque. Cabia ao colonizador arremeter fiéis a Igreja Católica com seus fundamentos. A ação dos jesuítas se tornou importante para o processo de catequização indígena.

A América portuguesa, e em especial o Brasil, passou a abrigar diversas etnias. Todavia, a religião oficial tomada pelos colonizadores era a católica. Nesse sentido, não era permitida outro tipo de culto que não fosse o católico com seus ritos e crenças. No entanto, vale ressaltar que, diante do hibridismo cultural que passou a existir, os atores sociais gestaram uma mescla religiosa dentro do catolicismo pregado pelos europeus. A religiosidade e a religião tornaram-se um hibridismo, ao passo que, os agentes sociais conseguiram unir seus ritos aos rituais católicos.

O conceito de religião gestado pelos europeus era aquele que indicava que os índios, e posteriormente, os africanos deveriam conhecer a Deus e ao amor Divino. A religiosidade surgia como uma instituição mentora das práticas religiosas para como estes sujeitos sociais. Assim, a religiosidade é um conceito mais abrangente na qual engloba a religião marcada pela crença em uma força suprema, sobrenatural. De modo que, a religiosidade e a religião estão calcadas nas terras do Novo Mundo como meio de disseminação da fé católica e da crença em Deus.

A religiosidade e a religião podem variar em suas práticas e crenças dependendo de dada sociedade, em uma determinada temporalidade. Assim, analisamos a religiosidade e a religião dos homens dos sertões do Seridó, no início do século XX, sob a visão do autodidata José de Azêvedo Dantas, podemos perceber que naquela espacialidade os homens assumiam,



naquele tempo, os preceitos da fé católica marcados tanto pela religiosidade quanto pela religião. Isso ficou notório na crença aos santos e os ritos católicos de louvores - dia de procissão, dia de festa ao santo padroeiro.

Percebemos, deste modo que, o espaço da religiosidade e da religião nos sertões do Seridó caminhava em um diálogo próximo entre o espaço do sagrado e do profano, tendo em vista que, os homens dos sertões primeiramente praticavam as celebrações religiosas ao santo católico, mais em seguida, passava a fazer parte das festas sociais entregando-se as danças, bebidas e brincadeiras do espírito humano. Portanto, a força da religiosidade e da religião empreendida pelos colonizadores chegaram aos sertões do Seridó Potiguar com toda sua magnitude e permanecia até a primeira metade do século XX, mesmo apresentado novas significações práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Editora Massangana, 2009.

_____, Durval Muniz de. **Distante e/ou do instante: "sertões contemporâneos"**, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Albetto (Org). **Culturas dos Sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014.

ALVES, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

AMADO, Janaina. **Região, sertão e nação**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995.

ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. **Entre a cultura e a política: uma Geografia dos "currais" no sertão do Seridó Potiguar**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto e Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. 2007.

CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Julio. **Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos**. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>. Acesso em: 20. Dez. 2020.

COSTA, Marcos Sanches da. **Religiosidade popular colonial: entre o sagrado e o profano**. In: Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.1, n°2 jan-jun, 2012.p.108-120.

DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.



DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, clínica, v.34 supl.1, 2007.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FORNAZARI, S. A., & FERREIRA, R. E. R. **Religiosidade/espiritualidade em pacientes oncológicos: qualidade de vida e saúde**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 265-272, 2010. In:<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000200008>.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de: Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GOMES, Nilvete Soares; FARINA, Marianne; FORNO, Cristiano Dal; **Espiritualidade, Religiosidade e Religião: Reflexão de Conceitos em Artigos Psicológicos**. In: *Revista de Psicologia da IMED*, 6(2): 107-112, 2014.

GUIUCCI, Guillermo. **A Visão Inaugural do Brasil: a Terra de Vera Cruz**. In: *Revista Brasileira de História*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 45-64, 1992.

LAMARTINE, Oswaldo. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **José de Azevêdo Dantas: lembrando os 70 anos do início das pesquisas do primeiro arqueólogo do Seridó Potiguar em Carnaúba dos Dantas**. In: *Mneme: Revista de Humanidades*. V. 06. N. 13, dez.2004/jan.2005. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme. Acesso em: 20 . Dez. 2020.

OLIVEIRA, M. R., & JUNGES J. R. **Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos**. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 469-476, 2012. In:<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016>.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. **O corpo da fé: estudos sobre o sagrado e o profano**. *Revista Nures*, 2012.

PANZINI, R. G. et al. **Qualidade de vida e espiritualidade**. In: *Revista de psiquiatria Referências bibliográficas*, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SCHWARTZ, S.H., & HUISMANS, S. **Value priorities and religiosity in four western religions**. *Social Psychology Quarterly*, 58(2), 88-107, 1995.

SIMÃO, M. J. P. **Psicologia transpessoal e espiritualidade**. IN: *O mundo da Saúde*, 34(4), 508-519, 2010.



SIQUEIRA, Deis. **Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional**. In: Revista Scielo: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 3, p. 557-564, jul./set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v14n3/v14n3a17.pdf>. Acesso em: 20. Dez. 2020.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de santa cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Ed: Brochura, 2006.